

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO
DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

EM TI
SE ENCONTRA O PERDÃO

SALMO 130, 4

SUBSÍDIO PASTORAL

24 HORAS PARA O
SENHOR

9-10 DE MARÇO DE 2018

Índice

Primeira Parte

Acompanhamento à Celebração individual do Sacramento da Penitência

- I. Por que a confissão?
- II. Preparação à confissão - Esquemas A e B
- III. Celebração individual

Segunda Parte

Reflexões

- Testemunho de Leah Libresco
- Testemunho de Pastora Mira García
- Testemunho de Miguel Vera

Terceira Parte

Inspirações

- Annalena Tonelli, leiga missionária
- Serva de Deus Claire de Castelbajac

Quarta Parte

Propostas

- Lectio Divina - Esquemas A e B

Com a contribuição de:

S.E.R. Mons. Octavio Ruiz Arenas, Secretário do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização

S.E.R. Mons. Arthur Roche, Secretário da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos

Rev. Artur Godnarski, Secretário do Setor para a Nova Evangelização da Conferência Episcopal Polonesa

P. Michal Lagan, Missionário da Misericórdia, Mosteiro de Częstochowa, Polônia

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente subsídio pretende oferecer algumas sugestões a fim de permitir que as paróquias e as comunidades cristãs se preparem para viver a iniciativa **24 horas para o Senhor**. Tratam-se, claramente, de propostas que podem ser adaptadas segundo as exigências e os costumes locais.

Na noite da sexta-feira, dia 9 de março, e durante todo o dia de sábado, 10 de março, seria significativo organizar e proporcionar a abertura extraordinária da igreja, oferecendo aos fiéis a possibilidade de Confissões, preferencialmente em um contexto de Adoração Eucarística animada. O evento poderia ter início na noite da sexta-feira com uma Liturgia da Palavra em preparação para a Confissão e concluir-se com a celebração da Santa Missa festiva na tarde do sábado.

Na **primeira parte** deste subsídio, são apresentados alguns pensamentos que ajudam a refletir sobre o porquê do Sacramento da Reconciliação. Os textos servem a preparar para que se viva de forma consciente o encontro com o sacerdote no momento da confissão individual. Trata-se, também, de uma provocação para superar as eventuais resistências que, frequentemente, enfrentam aqueles que evitam a confissão.

A **segunda parte** traz três testemunhos de pessoas que quiseram generosamente exprimir o caminho da própria conversão: é uma ajuda para refletir sobre a própria mudança e sobre a consciência da presença de Deus na vida de cada um.

Na **terceira parte**, encontram-se as histórias de vida de duas pessoas, as quais nos podem inspirar a cumprir as obras de misericórdia e a continuar com o crescimento pessoal depois de recebermos a absolvição dos pecados.

A **quarta parte**, enfim, oferece propostas que podem ser utilizadas durante o tempo em que a igreja estiver aberta, para que todos os que ali virão para as Confissões sejam auxiliados na oração e na meditação através de um caminho fundamentado na Palavra de Deus.

PRIMEIRA PARTE

Acompanhamento à Celebração individual do Sacramento da Penitência

É verdade que eu posso falar com o Senhor, pedir-lhe o perdão imediato, implorar-lhe. E o Senhor perdoa, imediatamente. Mas é importante que eu vá ao confessional, que me coloque diante de um sacerdote que personifica Jesus, que me ajoelhe perante a Mãe Igreja, chamada a distribuir a misericórdia de Deus. Existe uma objetividade neste gesto, na minha genuflexão perante o padre que naquele momento é o canal da graça que me toca e me cura.

Papa Francisco, *O nome de Deus é Misericórdia*

I. Por que a confissão?

Youcat 224 Por que Cristo nos deu o sacramento da penitência?

O amor de Cristo revela-se no fato de Ele procurar quem está perdido e curar quem está doente. Por isso, são-nos concedidos os sacramentos da cura e da regeneração, nos quais somos libertos do pecado e fortalecidos nas debilidades do corpo e da alma.

Youcat 226 Se temos o batismo que nos reconcilia com Deus, para que precisamos ainda de um sacramento específico para a reconciliação?

O batismo retirou-nos do poder do pecado e da morte, colocando-nos na Vida nova dos filhos de Deus; todavia, ele não nos liberta da fraqueza humana nem da inclinação para o pecado, daí que precisamos de um espaço onde nos possamos reconciliar de novo com Deus e que é precisamente a confissão.

Não é moderno confessar-se; é difícil e exige sacrifício no início. Mas é uma das maiores graças podermos recomeçar a vida várias vezes, assumindo-a realmente sempre de um modo novo, totalmente sem pesos e sem as hipotecas do ontem, acolhidos com amor e guarnecidos de nova força. Deus é misericordioso e nada deseja com maior ardor do que nós aproveitarmos ao máximo a Sua

misericórdia. Quem se confessou abriu, no livro da sua vida, uma página nova, branca.

Youcat 228 Quem pode perdoar os pecados?

Só Deus pode perdoar os pecados. «Os teus pecados estão perdoados!» (Mc 2, 5), disse Jesus, porque é o Filho de Deus. E apenas porque Jesus lhes deu poder, os sacerdotes podem perdoar no lugar de Jesus.

Alguns dizem: Entendo-me diretamente com Deus, e por isso não preciso de padres! No entanto, Deus quer fazê-lo de outra maneira. Ele conhece-nos. Naquilo que diz respeito ao pecado, costumamos fazer trapaça, varrendo o assunto para debaixo do tapete. Por isso, Deus quer que expressemos os nossos pecados e os confessemos face a face. E para isso servem os sacerdotes. «Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos» (Jo 20, 23).

Youcat 239 Que os efeitos positivos tem a confissão?

A confissão reconcilia o pecador com Deus e com a Igreja.

O momento após a absolvição é como um banho pós o treino desportivo, como o ar fresco após uma tempestade de verão, como o despertar numa brilhante manhã de verão, como a leveza do mergulhador... Está tudo dito na palavra “reconciliação” (re = novamente; concilium = concílio, união): a nossa relação com Deus fica novamente limpa.

Youcat 313 Por que deve um cristão voltar-se a Deus e pedir-Lhe perdão?

O pecado destrói, ofusca ou nega o Bem. Deus, por Seu turno, que é totalmente bom, é também o autor de todo o Bem. Por isso, o pecado atenta (também) contra Deus, pelo que a ordem só em contato com Ele poderá ser restabelecida.

II. Preparação à Confissão

Com serenidade, sem escrúpulos, tens de pensar na tua vida, e pedir perdão e fazer o propósito firme, concreto e bem determinado de melhorar neste aspecto e naquele outro: nesse pormenor que te custa e naquele que habitualmente não cumpres como deves, e bem o sabes. (São Josemaría Escrivá, Forja, 115).

Para preparar-se à confissão, você pode seguir os dois textos seguintes, procurando iluminar a sua vida com a verdade da Palavra de Deus.

Esquema A

Salmo 130

Do abismo profundo clamo a ti, Senhor:

² *Senhor, escuta minha voz.*

*Que teus ouvidos estejam atentos
à voz da minha súplica.*

³ *Se consideras as culpas, Senhor,
Senhor, quem pode aguentar?*

⁴ *Mas em ti se encontra o perdão:
para seres venerado com temor.*

⁵ *Espero no Senhor.
Minha alma espera,
na sua palavra.*

⁶ *Minha alma aguarda o Senhor
mais que as sentinelas a aurora.
Mais que as sentinelas a aurora,*

⁷ *Israel espere o Senhor,
porque junto do Senhor está a misericórdia,
e junto dele é copiosa a redenção.*

⁸ *Ele vai redimir Israel
de todas as suas culpas.*

Depois de ler e orar o salmo 130, chamado tradicionalmente de *De profundis* (“Do abismo profundo”), vêm ao nosso coração sentimentos de alegria e de esperança, pois somos lembrados de que, apesar das nossas culpas, se temos a humildade de nos arrependermos de coração e de suplicar ao Senhor o seu perdão, obteremos a maior expressão da sua misericórdia: o perdão dos nossos pecados e a graça para continuar a nossa luta contra o mal, contra o egoísmo, inveja, a infidelidade.

Este salmo de súplica, que é uma oração confiante e uma certeza no amor e no perdão do Senhor, era cantado pelo povo de Israel com grande humildade enquanto peregrinavam a Jerusalém, a fim de se preparar da melhor forma possível para oferecer o sacrifício de expiação dos pecados com um coração puro e renovado. Era um grito que surgia das profundezas do coração de cada peregrino; um grito que exprimia a angústia e a vergonha de ter traído o Senhor, de ter se esquecido da sua Aliança e de quem se sente culpado por não ter correspondido com retidão ao amor de Deus. Ao mesmo tempo, porém, era o mais belo canto de esperança, pois manifestava a confiança plena naquele que perdoa e não abandona o pecador; naquele que, misericordiosamente, faz surgir a luz em meio às trevas, concedendo a graça e o perdão.

Como peregrinos, que procedem cheios de arrependimento e de esperança na direção do altar para encontrar o nosso Senhor, precisamos permitir que se levante o nosso grito de súplica e de amor, com as mesmas palavras do salmo: «*Do abismo profundo clamo a ti, Senhor: Senhor, escuta minha voz, a voz da minha súplica*». Façamos com que esse grito ressoe na nossa consciência, para que nos demos conta da gravidade das nossas culpas e deixemos até mesmo que os nossos olhos expressem com lágrimas o nosso remorso e a nossa firme vontade de querer seguir o Senhor pelo caminho do bem e da fidelidade.

Olhando com humildade para as nossas fraquezas, não permitimos que a escuridão e o desespero tomem conta de nós, pois sabemos que o Senhor está ao nosso lado para nos dar força e coragem. Nós somos mesmo pecadores; porém, pecadores que amam a Deus e escutam-No, em meio à nossa miséria, a dizer que não devemos ter medo, mas, ao contrário, que devemos confiar Nele. A sua misericórdia é infinita e Ele está sempre disposto a perdoar-nos, independentemente da gravidade das nossas ações, pois o que conta mais é o nosso arrependimento e o Seu amor. Neste sentido, pode-se dizer com São Paulo que «*onde abundou o pecado, superabundou a graça*» (Rm 5,20), uma vez que somos fracos e precisamos da força e da graça de Deus. Pecado e perdão estão sempre presentes na nossa existência humana e, por isso, temos de exprimir o nosso arrependimento exclamando com confiança e coração sincero: «*Se consideras as culpas, Senhor, Senhor, quem pode aguentar?*» Assim, dirigimo-nos a Deus reconhecendo que Ele é um Pai amoroso e que tem uma grandiosa disponibilidade para perdoar.

Com quanta beleza o salmista representa a esperança que surge no coração arrependido que espera a chegada do Senhor para sentir a sua presença amorosa, a sua ternura e o seu perdão: *Minha alma aguarda o Senhor mais que as sentinelas a aurora*. Na verdade, somos pecadores que se tornam sentinelas da aurora, que olham com um pouco de angústia o horizonte, em meio às trevas, para ver com alegria como surge a Luz que ilumina a nossa vida e que dá sentido a toda

a nossa existência. Mas é Ele, Cristo Senhor, que desde o primeiro momento nos acompanha e nos estimula a esta espera, enviando-nos silenciosamente o Seu Espírito para preencher o nosso coração com o desejo de mudar de vida.

Diante do sacrário, com os olhos fitos no Senhor presente na Eucaristia, reconhecemos Jesus como o nosso Salvador. Ele veio para dar testemunho da ternura e da clemência do Pai e para mostrar-nos que a grandeza divina é o Seu amor, a Sua misericórdia. Ele escuta com atenção o nosso grito de arrependimento e de confiança e recorda-nos, no segredo da nossa alma, que foi submetido à morte pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação (cf. *Rm* 4,25).

Sim, Jesus foi capaz de oferecer a Sua vida para salvar-me. Então, diante da grandeza do Seu amor e do Seu sacrifício, sou convidado a transformar a minha vida, a escutar a Sua palavra, a amá-Lo com todo o coração, a segui-Lo em cada momento para, com a Sua graça, conseguir viver como Ele, fazendo sempre o bem e dando, assim, testemunho da minha conversão.

Esquema B

Quando ainda estava longe, seu pai avistou-o e foi tomado de compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e o cobriu de beijos. (Lc 15,20).

A Bíblia nos conta que, quando os nossos progenitores pecaram no Jardim do Éden, ao sentir os passos de Deus que naquela tarde caminhava pelo jardim, eles se esconderam. Eles estavam conscientes dos próprios pecados e conheciam a santidade de Deus. Os pecados nos atestam a nossa fraqueza, incompletude e, às vezes, impotência. Certamente, eles nos dizem que não somos deuses. Eis aquilo que também Adão e Eva experimentaram. Eles se viram assim como eram, seres humanos frágeis, argila que se fende e se rompe, e procuraram, então, esconder tal realidade frágil de Deus e até de si mesmos. Nós precisamos de coragem para encarar os nossos pecados – uma coragem que não vem de nós mesmos, mas do coração de Deus.

Na parábola do pai misericordioso, vemos uma resposta diferente ao pecado. Desta vez, é a resposta de Deus ao ser pecador. Deus não se esconde da nossa vista. Com efeito, quando na parábola o pai vê que o filho mais jovem está voltando para casa, ele não permite que este tenha medo ou se esconda. Em vez disso, ele corre ao seu encontro para envolvê-lo em seus braços e revesti-lo de ternura, pois a ele corresponde a dignidade de filho. O pai não permite nem que o filho lhe conte todos os detalhes mais sórdidos daquilo que acontecera. Ele ama tanto o filho, ao ponto de desejar apenas trazê-lo de novo à vida, e atra-

vés do amor. Tudo aquilo que lhe importa é levá-lo para casa, para a segurança do lugar ao qual ele pertence. É isto que acontece quando nos aproximamos da confissão. O Pai, através do Filho, faz descer sobre nós o Espírito Santo. É o Espírito da misericórdia sem fim. O único desejo do Pai é curar e trazer de volta à vida a grandeza que nos doou no batismo.

Existe ainda outra imagem que nos ajuda na preparação para a confissão. É aquela de Jesus no poço de Jacó, na Samaria, conforme o Evangelho segundo João (4,1-39). Ainda que Jesus estivesse cansado, devido à viagem, ele espera ali pacientemente que a Samaritana venha à fonte da vida. A décima estrofe da sequência *Dies Irae* exprime o comportamento de Jesus de maneira esplêndida: «A buscar-me, cansado, Vos assentastes, / pela Cruz me resgatastes: / tanta dor não seja em vão». (*“Quaerens me, sedisti lassus, / redemisti Crucem passus: / tantus labor non sit cassus!”*).

Deus nos espera sempre. Ele jamais se cansa de nos esperar. O momento da confissão é o momento de parar de se esconder e de voltar para casa, de permitir que Jesus, atravessando os portões do jardim, leve-nos de volta ao lugar ao qual nós pertencemos (*Gên 3,24*).

Há alguns anos, o Papa Francisco visitou as Filipinas. Durante a visita, foi também celebrar a Missa com a população de Tacloban, a qual tinha sido fortemente atingida pelo tufão Yolanda. Vendo os fiéis, o Papa deixou de lado o texto escrito para a homilia e, apontando para Cristo na cruz, disse: “Jesus sempre nos precede: quando nós passamos através de alguma cruz, Ele já passou antes”. O desastre natural sofrido pela população de Tacloban durante aquela terrível noite poderia servir-nos como imagem dos efeitos do ser pecador nas nossas vidas e da necessidade desesperada que temos de ser reanimados e ungidos pela misericórdia. Eis como age o sacramento da penitência.

É o Senhor quem espera pacientemente, ardentemente, amorosamente o pecador, mesmo quando pensamos que ele já se tenha cansado de esperar pelo nosso retorno! É um bem para o penitente e para o sacerdote recordar a perene paciência de Deus. Deus já passou por ali antes. Ele nos espera com paciência. Não renuncia a nós. Vale a pena lembrar que Dante, no *Inferno*, desceu até o promontório mais baixo para olhar de perto o inferno. Uma coisa é olhá-lo do alto, mas seria um verdadeiro erro de cálculo olhar lá de baixo na direção do alto!

III. Celebração individual

Após fazer o exame de consciência, você pode se dirigir ao sacerdote. Caso encontre muitas dificuldades em fazer o exame de consciência, você pode sempre pedir ao confessor que lhe ajude.

No momento em que você se apresentar como penitente, você será acolhido pelo sacerdote com cordialidade e palavras de encorajamento. O sacerdote torna presente o Senhor misericordioso.

Junto do sacerdote, faça o sinal da cruz dizendo:

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

O sacerdote auxilia a que você se disponha à confiança em Deus com estas palavras ou outras semelhantes:

Acolha-te com bondade o Senhor Jesus,
Que veio para chamar e salvar os pecadores.
Confia Nele.

O sacerdote, conforme as circunstâncias, lê ou recita de memória um texto da Sagrada Escritura no qual se recorda a misericórdia de Deus e se dirige à pessoa humana o convite à conversão. Por exemplo:

Depois que João foi preso,
Jesus partiu para a Galileia,
proclamando a Boa-Nova de Deus, e dizia:
“Completo-se o tempo,
e Reino de Deus está próximo.
Convertei-vos e crede no Evangelho”. (Mc 1,14-15).

Neste momento, você pode confessar os seus pecados. O sacerdote, se for preciso, ajuda o penitente fazendo-lhe algumas perguntas e dando-lhe conselhos convenientes. Em seguida, o sacerdote convida o penitente a manifestar o seu arrependimento; e o penitente o faz recitando o ato de contrição ou outra fórmula simples como, por exemplo:

**Lava-me, Senhor, de todas as minhas culpas
e purifica-me do meu pecado.
Eu reconheço a minha iniquidade,
e meu pecado está sempre diante de mim.**

O sacerdote, com as mãos estendidas (ou estendendo ao menos a mão direita) sobre a cabeça do penitente, diz:

Deus, Pai de misericórdia,
que, pela morte e ressurreição de seu Filho,
reconciliou o mundo consigo
e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados,
te conceda, pelo ministério da Igreja,
o perdão e a paz.
E eu te absolvo dos teus pecados
em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

O penitente responde:

Amém.

Após a absolvição, o sacerdote prossegue:

Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom.

O penitente responde:

Eterna é a sua misericórdia.

O sacerdote, então, conclui e se despede dizendo:

O Senhor te perdoou. Vai em paz.

SEGUNDA PARTE

Reflexões

A nossa conversão é a resposta reconhecida ao mistério maravilhoso do amor de Deus. Quando nos damos conta deste amor que Deus tem por nós, sentimos a vontade de nos aproximarmos dele: é nisto que consiste a conversão.

Papa Francisco, *Audiência Geral* do dia 5 de março de 2014

O encontro com o amor de Deus já levou muitas pessoas a uma profunda reflexão a respeito da própria vida. Apresentamos, em seguida, alguns testemunhos que nos fazem pensar sobre a nossa caminhada quotidiana com Cristo.

Haverá no céu mais alegria por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão. (Lc 15,7).

Testemunho de Leah Libresco

Quando entrei na Igreja católica, os meus amigos vieram comigo à Missa para celebrar o meu batismo, a crisma e a primeira comunhão. Contudo, quando fiz a primeira confissão, algumas semanas depois, não havia ninguém comigo, exceto o sacerdote. Eu não podia imaginar que este sacramento era o tipo de coisa que eu ainda iria anunciar ou celebrar.

A confissão tende a dissolver-se no plano de fundo da vida dos católicos. Os meus amigos poderiam se lembrar de um hino ou de uma homilia que os tinha tocado, ou até falar da consolação que uma oração suscitara neles. Mas, quando falavam da confissão, e se é que falavam, o tom era tendencialmente aquele de uma gratidão genérica. Até se fosse permitido discutir sobre os detalhes do que ocorre no confessionário, eu não acredito que ouviria muitas coisas a respeito. E por uma simples razão: nenhum outro sacramento é fundado sobre os nossos falimentos. As analogias seculares mais próximas, nas quais eu poderia pensar, eram a delação premiada ou a concessão de um indulto condicional, e nenhuma das duas constitui um assunto apropriado para uma conversa durante uma festa.

Logo depois da minha conversão, uma vez que a confissão tinha se tornado algo que eu praticava e era só mais uma teoria para mim, fiquei surpresa em

descobrir que se tratava do meu sacramento preferido. A confissão recorda-me as monjas de clausura, contemplativas. Ao contrário das suas irmãs de vida ativa, elas raramente são vistas fora do mosteiro e, assim, esquecemo-nos delas. Mas as suas vidas de oração constante sustentam e inspiram os religiosos e religiosas que vêm ao nosso encontro no mundo. A graça serena e recôndita da confissão dá-me o vigor para buscar todas as outras graças.

Antes de experimentar por mim mesma a graça sacramental da confissão, eu pensava que, quanto menor fosse a frequência das minhas confissões, mais eu me sentiria leve e livre. Em parte, eu tinha razão. Existe uma espécie de leveza que se experimenta quando alguém não se confessa por um certo tempo, mas não se trata de um sentimento de liberdade. É como a leveza daquilo que não está detido por amarrações ou rédeas: trata-se de ser livre enquanto não se está retido por nada, mas isto indica um modo realmente precário de existir.

Se deixo passar muito tempo entre uma confissão e outra, adiando o sacramento até que eu cometa um pecado moral, os pecados veniais cometidos tornam-se, na minha memória, cada vez mais indistintos e menos importantes. Entretanto, isto não me liberta dos seus efeitos: as pessoas às quais ofendi ou tratei mal permanecem feridas e a fissura que abri entre a minha consciência e as minhas ações faz com que seja, para mim, ainda mais difícil arrepender-me, aprender e redimir-me.

Os católicos têm a obrigação de confessar-se pelo menos uma vez ao ano e, apenas em situação de pecado mortal, a confissão é rigorosamente necessária para que o fiel possa retornar à comunhão. Contudo, já me acostumei a confessar-me a cada três semanas. Esperar demais não é o modo como quero viver a minha relação com Deus. Depois de ter feito mal a um amigo, quero ser capaz de desculpar-me rapidamente, de modo que a tensão não aumente e não torne mais difícil pedir desculpas por tudo.

A confissão é a minha maneira de fazer as pazes com Deus depois de ter comprometido a minha relação com Ele. Ainda que, a curto prazo, pareça difícil, prefiro consertar a relação assim que possível a deixar que a mesma se desgaste e fique vulnerável a novas pressões.

A confissão toca-me como o mais “católico” – no verdadeiro sentido da palavra – entre todos os sacramentos, ou seja, como o mais universal. Além da Igreja católica, apenas os ortodoxos e algumas confissões protestantes oferecem a seus fiéis a possibilidade de confessar-se perante um sacerdote. Todavia, a necessidade da confissão é reconhecida por todos, cristãos ou não. Todos reconhecemos que não conseguimos ser as pessoas que deveríamos ser, ainda que não o exprimamos como São Paulo, ao afirmar que «todos pecaram e estão privados da glória de Deus» (*Rm* 3,23). Alguns secularizam esta afirmação,

dizendo que não cumprimos com o nosso dever e não alcançamos totalmente o nosso potencial, mas, em todo caso, fica claro que não estamos à altura dos mesmos, e disto temos consciência. Seria muito bom se, de alguma maneira, fôssemos capazes de pedir desculpas e de compensar as situações provocadas pelos nossos passos em falso.

Se não é só o catolicismo que diagnostica a nossa fraqueza, ele é muito especial quando nos oferece um remédio. A Igreja católica reconhece o mal-estar universal e o medo provocados pelas nossas transgressões e pelas ofensas a Deus e ao nosso próximo. Através da confissão, a Igreja oferece-nos um modo de acolher a misericórdia e a cura do Senhor. A parte mais difícil é aceitar um dom assim tão generoso.

O presente que Cristo oferece na confissão é muito maior do que eu sequer um dia poderia repagar – e o próprio desejo de ressarcir-Lo diminuiria a grandeza da Sua misericórdia. Se eu tentasse calcular todo o dom que Ele concede quando apenas uma vez me aproximo do sacramento, seria necessário contar também as graças da reconciliação e do perdão recebidas muito antes que eu entrasse no confessionário para buscar a absolvição. Já o fato de saber que me dirijo à confissão ensina-me quais são os meus pecados. Às vezes, os meus pecados nem parecem reais até que eu os elenque, ou ao sacerdote ou a mim mesma, enquanto espero na fila para o confessionário.

Normalmente, a parte mais difícil da confissão, para mim, chega depois que eu elenco os meus pecados, quando o sacerdote designa a penitência. Geralmente, sinto que as orações que ele me pede para recitar são uma penitência muito leve, que a minha confissão foi não justa. E, de certa maneira, estou certa. A penitência que me é dada não é justa – é misericordiosa. O Pai-Nosso ou as Ave-Marias que rezo não equilibram o dano que eu provoquei nos outros e não fazem de mim, magicamente, um inocente. O que as orações fazem é dar-me uma maneira de colaborar com a graça que Cristo me oferece, levando-me novamente à comunhão com Ele.

A confissão não é um negócio, no qual troco o meu arrependimento por perdão. O arrependimento não faz com que eu mereça tal dom; ele significa apenas que eu parei de esconder-me da misericórdia de Cristo e comecei a cooperar.

Por fim, todos somos chamados a ser plenamente unidos a Deus. Cristo ora por esta unidade durante a Última Ceia: «Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um: eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitamente unidos» (Jo 17,21-23). A *theósis* é o processo de preparação a esta reconciliação última

e o sacramento da reconciliação é uma das graças mais poderosas que nos são dadas ao longo do caminho.

Até que a *theósis* não seja completa, somos todos fracos e confusos, como ímãs que foram aquecidos ou deixados cair e cujos átomos perderam o sentido de direção norte-sul. Assim como uma corrente elétrica pode reorientar um ímã, a confissão faz com que eu me reoriente, corrigindo e fortalecendo a minha orientação espiritual para que esta se volte novamente para Deus. Um simples aumento de corrente elétrica não faz com que o ímã crie pernas para retornar e receber outra corrente de polarização. Todavia, a confissão, ao contrário da eletricidade, pode fazer surgir um ciclo de realimentação, pelo qual Deus nos guia para que retornemos continuamente aos sacramentos.

O sacramento da reconciliação gera frutos tanto para o indivíduo como para a comunidade: a graça dada a outras pessoas pode ajudar-me a encontrar forças, justamente como um ímã forte pode transformar, em pouco tempo, até mesmo um clipe num pequeno, ainda que fraco, ímã. A confissão prepara-nos para todas as outras graças, restaurando a nossa orientação na direção de Deus, para podermos seguir o Seu chamado com a oração, as obras e os outros atos de amor. (Fragmento extraído do cap. 2, “*Confession*”, do livro “*Arriving at Amen*” de Leah Libresco).

...assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido... (da oração do Pai-Nosso)

Testemunho de Pastora Mira García

Quando eu tinha seis anos de idade, a guerrilha e os paramilitares ainda não tinham chegado à minha cidadezinha, San Carlos, Antioquia. Mesmo assim, meu pai foi assassinado. Alguns anos mais tarde, tive a oportunidade de cuidar do seu assassino, o qual, naquele momento, já era idoso e estava doente e abandonado.

Quando a minha filha tinha dois meses, o meu primeiro marido foi morto. Depois disso, comecei a trabalhar na inspetoria de polícia, mas precisei renunciar àquele trabalho devido às ameaças dos guerrilheiros e dos paramilitares que já se tinham estabelecido naquela região. Com muito esforço, consegui abrir uma loja de artigos para festas e brinquedos, mas as extorsões por parte dos mesmos grupos paramilitares continuavam, motivo pelo qual acabei doando as mercadorias.

Em 2001, os paramilitares sequestraram a minha filha, Sandra Paola. Comecei

a procurá-la, mas só depois de sete anos de lágrimas é que consegui encontrar o seu cadáver. Todo esse sofrimento me tornou mais sensível diante da dor dos outros e, desde 2004, acompanho e trabalho com famílias em que há membros desaparecidos ou que foram separadas pelo uso da força.

Mas ainda não era tudo. Em 2005, o grupo de paramilitares chamado de “Heróis de Granada” assassinou o meu filho caçula, Jorge Aníbal. Três dias depois de sepultá-lo, prestei socorro a um jovem ferido e, para cuidar dele, coloquei-o na mesma cama que tinha pertencido a meu filho Jorge Aníbal. Ao sair da casa, o jovem viu a foto do meu filho e começou a contar-nos que fazia parte daquele grupo e que era, portanto, um dos assassinos. Além do mais, contou-nos sobre como torturaram-no antes de matá-lo. Agradeço a Deus que, com a ajuda de Maria, naquele momento, deu-me a força para acudi-lo sem fazer-lhe algum mal, apesar da minha imensa dor.

Hoje, coloco a dor e o sofrimento das milhares de vítimas da Colômbia aos pés de Jesus, de Jesus crucificado, a fim de que se unam à Sua dor e, através da oração de Sua Santidade, sejam transformados em bênçãos e em capacidade de perdão, para que seja rompido o ciclo da violência que tem abalado a Colômbia nos últimos cinquenta anos. Como sinal desta oferta de dor, deponho, hoje, aos pés do Cristo de Bojayá, a camisa que minha filha Sandra Paola, desaparecida, tinha dado de presente a meu filho Jorge Aníbal, morto pelos paramilitares. Nós tínhamos conservado a camisa na família para exprimir o desejo que nada daquilo jamais aconteça outra vez e que a paz triunfe na Colômbia.

Deus abençoe todos os projetos humanitários, educativos e em prol do trabalho, pois eles são indispensáveis para criar as condições necessárias a fim de alcançar a tão sonhada paz. Que Deus transforme os corações daqueles que se negam a acreditar que, com Cristo, tudo pode mudar e que ainda não têm a esperança de que a Colômbia possa ser um País em paz e mais solidário.

(Testemunho pronunciado na ocasião da Visita do Papa Francisco à Colômbia em 2017)

Digo-te, não até sete vezes, mas até setenta vezes sete! (Mt 18,22).

Testemunho de Miguel Vera

Meu nome é Miguel, tenho 34 anos e sou de Assunção, no Paraguai. Em casa, somos onze irmãos e fui o único a ter problemas com as drogas. Superei a minha dependência na “Fazenda da Esperança São Rafael”, no Rio Grande do Sul, Brasil.

Usei drogas por 13 anos, desde que eu tinha 11. Sempre tive dificuldades no relacionamento com a minha família. Não me sentia nem amado nem próximo deles. Discutíamos sempre e vivíamos em contínua tensão. Não me lembro sequer de uma vez em que me assentei à mesa para comer com a minha família. Para mim, família era um conceito inexistente. A minha casa era só um lugar onde dormir e comer.

Aos 11 anos, fugi de casa, pois o vazio em mim era muito grande. Naquele tempo, eu ainda estudava, mas queria a “liberdade”. Logo, em alguns meses, experimentei pela primeira vez a droga enquanto ia para a escola. Isto fez com que aumentasse o vazio dentro de mim. Eu não queria voltar para a minha casa, enfrentar a minha família, enfrentar a mim mesmo. Naquela época, abandonei a escola e meus pais tiveram que me fechar as portas de sua casa. Estavam perdendo a esperança.

Aos 15 anos, cometi um delito e fui preso. Na prisão, recebi a visita do meu pai, o qual me perguntou se eu queria mudar. Respondi: “sim”. Rapidamente, consegui tramitar minha liberdade. Saí e voltei a cometer outros delitos. Um dia, cometi um delito maior, pelo qual fui preso seis anos, anos de muito sofrimento. Não conseguia entender porque nenhum dos meus irmãos me visitava. Deste modo, passaram-se os anos e cumpri totalmente a minha pena. Meus pais continuavam vinculados à Igreja.

Um mês depois de ter saído da prisão, um sacerdote, amigo da família, convidou-me para conhecer um lugar chamado “Fazenda da Esperança”. Eu estava sem rumo na vida. Todos esses anos perdidos refletiam-se fortemente no meu olhar, no meu rosto. Aceitei ir e, pela primeira vez, senti-me em família. No começo, era muito difícil a relação com os outros, a convivência.

Nesta comunidade, o método de cura é a Palavra de Deus, viver o Evangelho. Durante o meu processo de recuperação, havia um companheiro, ao qual eu tinha muita dificuldade de perdoar. Eu precisava de paz e ele, de ser amado. No sétimo mês, deram-me uma responsabilidade na casa: ajudar para que ela funcionasse melhor. Deste modo, comecei a entender que Deus pedia algo para mim. Este companheiro, então, recebeu uma carta da sua esposa, com a qual – eu sabia – a relação estava desgastada. Isto me ajudou a compreendê-lo mais. Quando lhe entreguei a carta, ele disse-me: “Irmão, você me perdoa?”, e eu lhe respondi: “Claro”. A partir desse momento, mantivemos uma excelente relação. Realmente Deus nos transforma, Deus nos renova.

Recuperei-me há 10 anos e hoje, já há 3 anos, sou responsável pela casa “Quo Vadis?” da Fazenda da Esperança em Cerro Chato, Uruguai.

(Testemunho pronunciado durante a JMJ em Cracóvia, 2016)

TERCEIRA PARTE

Inspirações

A inquietação da investigação da verdade, da busca de Deus, torna-se a inquietação de conhecê-Lo cada vez mais e de sair de si mesmo para dá-Lo a conhecer aos outros. Nomeadamente, é a inquietação do amor.

Papa Francisco, *Homília* na Abertura do Capítulo Geral da Ordem de Santo Agostinho, 28 de agosto de 2013

O testamento espiritual de Annalena Tonelli

(Passagens escolhidas)

Eu me chamo Annalena Tonelli. Nasci na Itália, em Forlì, no dia 2 de abril de 1943. Trabalho na área da saúde há trinta anos, mas não sou médica. Eu me formei em Direito, na Itália.

Vivo a serviço, sem um nome, sem a segurança de uma ordem religiosa, sem pertencer a nenhuma organização, sem um salário, sem pagar as contribuições devidas para a aposentadoria na minha velhice. Não sou casada, pois assim decidi com alegria quando era jovem. Queria ser toda para Deus. Para mim, era uma exigência não ter uma minha família. E assim foi pela graça de Deus. Tenho amigos que ajudam a mim e à minha gente há mais de trinta anos. Tudo o que pude fazer foi graças a eles, sobretudo, aos amigos do “Comitê para a luta contra a fome no mundo” de Forlì. É claro que temos também outros amigos, de diversas partes do mundo, e não poderia ser diferente: as necessidades são grandes. Agradeço a Deus que me deu cada um deles e ainda continua a enviá-los.

Projeto para a vida

Deixei a Itália em janeiro de 1969 e, desde então, vivo a serviço do povo da Somália. São trinta anos de partilha. Sempre vivi com eles, salvo pequenas interrupções em que estive em outros países, por motivos de força maior. Escolhi ser para os outros: os pobres, os sofredores, os abandonados, os que não são amados; eu era uma menina, e assim continuei e espero continuar sendo até o fim da minha vida.

Deixei a Itália depois de seis anos de serviço aos pobres de uma periferia na minha cidade natal, às crianças do orfanato local, às meninas com deficiência mental e vítimas de fortes traumas que viviam em uma casa de amparo, aos pobres do terceiro mundo, graças às atividades do “Comitê para a luta contra a fome no mundo”, para cujo nascimento contribuí. Eu acreditava que não era possível doar-me completamente ficando no meu país: os confins da minha ação pareciam tão estreitos, asfixiados...

Compreendi logo que se pode servir e amar em qualquer lugar, mas, então, eu já estava na África e sentia que era Deus quem me tinha levado até ali. Ali permaneci, em alegria e gratidão. Parti decidida a “gritar o Evangelho com a vida”, seguindo os passos de Charles de Foucauld, o qual tinha inflamado a minha existência.

Fui ao Quênia como professora, pois era o único trabalho que, no começo de uma experiência assim tão nova e forte, eu podia desempenhar de maneira decente, sem prejudicar a ninguém. Foram tempos intensos de preparação de aulas para quase todas as matérias, devido à carência de professores; de estudo da língua local, da cultura e das tradições; tempos de dedicação intensa ao ensino, com a convicção profunda de que a cultura é força de libertação e crescimento.

Lembro-me que, quase imediatamente depois da minha chegada, enchi-me de afeto por um menino que sofria de anemia falciforme e de fome: eram tempos de uma terrível carestia e vi tanta gente morrer de fome. No decurso da minha existência, fui testemunha de uma outra carestia: dez meses de fome, em Merca, no sul da Somália. Posso afirmar que se trata de uma experiência tão traumatizante, capaz de colocar em perigo a fé.

Trouxe para viver comigo quatorze crianças que sofriam das doenças da fome. Doeí imediatamente sangue àquele menino e supliquei aos meus estudantes que fizessem a mesma coisa. Um deles doou, e depois deste, tantos outros, vencendo, dessa maneira, a resistência dos preconceitos e dos fechamentos de um mundo que, aos meus olhos de então, parecia ignorar todas as formas de solidariedade e de piedade.

Cuidar

Eu não sabia nada de medicina. Comecei a levar-lhes a água da chuva que eu recolhia dos tetos da bela casa que o governo me tinha dado como professora da escola secundária. Ia com os meus tonéis cheios, esvaziava o recipiente deles, que estava cheio da água salgadíssima dos poços de Wajir, e enchia-os com a água doce. Eles faziam certos gestos de comando para mim, aparentemente incomodados pela falta de jeito daquela jovem mulher branca, de cuja presença pareciam querer liberar-se o mais rápido possível. Tudo estava contra mim: eu

era jovem e, portanto, não era considerada digna de ser escutada ou respeitada; era branca e, logo, desprezada por aquela raça que se considerava superior a todas (brancos, negros, pardos, pertencentes a quaisquer nacionalidades que não seja a deles); era cristã e, por isso, menosprezada, rejeitada, temida. Naquele momento, todos estavam convencidos de que eu era ali em Wajir para fazer proselitismo. Além do mais, não era casada, um absurdo naquele mundo onde o celibato não existe e não é um valor para ninguém, aliás, é o contrário de um valor. Trinta anos depois, pelo fato de não ser casada, eu ainda sou olhada com desprezo e compaixão por toda a Somália onde não me conhecem. Só quem me conhece diz e repete sem parar que sou uma somali como eles e que sou uma verdadeira mãe para todos aqueles que salvei, curei, ajudei, deixando passar despercebido o fato de que eu não sou nem jamais serei uma mãe biológica.

Comecei a estudar, a observar. Estava todos os dias com eles, servia-os de joelhos. Ficava ao lado deles quando pioravam e não havia ninguém que se preocupasse com eles, que os olhasse nos olhos, que lhes desse força. Alguns anos depois, no nosso vilarejo (T.B. Manyatta), todo enfermo que era ciente de aproximar-se do fim queria só a mim por perto, para morrer sentindo-se amado. Comecei a supervisionar os seus tratamentos, uma vez que voltavam do hospital. A coisa ficou famosa. Não se conheciam tratamentos que era cumpridos até o fim no deserto.

Era setembro de 1976. Decidi enviar os nômades para que se estabelecessem em um pedaço de deserto diante do Centro de Reabilitação para Pessoas com Necessidades Especiais, onde trabalho junto às companheiras que, ao longo dos anos, se uniram a mim, todas voluntárias sem salário, todas pelos pobres e por Jesus Cristo. Junto a elas, deu vida a um centro onde elas reabilitaram todos os portadores de poliomielite do deserto do nordeste no decurso de dez anos.

Éramos uma família. Acolhíamos, além dos portadores de poliomielite, casos especialmente difíceis de serem tratados, reabilitados, pessoas particularmente feridas: cegos, surdos, pessoas com deficiência física ou mental. As crianças cresceram conosco – mãães em tempo integral – e eu sou, até hoje, um ponto de referência constante para eles.

Vencer o mal com o bem

Foi no ano de 1984. O governo do Quênia tentou cometer um genocídio contra uma tribo de nômades do deserto. O plano era exterminar cinquenta mil pessoas. Chegaram a assassinar mil. Consegui impedir que o massacre continuasse até o fim. Por isso, um ano depois, fui deportada. Calei-me pelos pequenos que deixei em casa e que teriam sido punidos se eu tivesse falado. Mas quem se manifestou foram os somalis, os quais lutaram para que o caso e a verdade

sobre o genocídio viessem a público. Passaram dezesseis anos e o governo do Quênia admitiu publicamente a sua culpa, pediu perdão e prometeu indenizar as famílias das vítimas.

Na época do massacre, fui presa e levada à corte marcial. As autoridades, nenhuma somali, todas cristãs, disseram-me que haviam sido feitas duas emboscadas para mim, das quais, providencialmente, consegui fugir, mas que eu não conseguiria o mesmo em uma terceira emboscada. Um deles, um cristão praticante, perguntou-me o que me motivava a agir assim. Respondi-lhe que fazia aquilo por Jesus Cristo, o qual nos pede para dar a vida pelos nossos amigos.

Vivenciei mais de uma vez no decurso da minha existência, a este ponto já longa, que não existe mal que não venha trazido à luz, que não há verdade que não seja revelada. O importante é continuar a lutar como se a verdade já brilhasse, as injustiças não nos tocassem e o mal não triunfasse. Um dia, o bem resplenderá. Pedimos a Deus que nos dê a força para saber esperar, pois a espera pode ser longa... pode durar até depois da nossa morte. Vivo na espera de Deus e entendo que tal espera pesa menos para mim do que a espera dos outros pelas coisas dos homens.

Por que essas escolhas?

Eu queria seguir só a Jesus Cristo. Nada mais me interessava assim tanto: Cristo e os pobres em Cristo. Por Ele, fiz uma escolha de pobreza radical, ainda que pobre como um verdadeiro pobre – como os pobres que preenchem todos os meus dias – eu jamais poderei ser.

Anos depois, no decurso desta minha já longa vida, houve tantos outros desertos, outros silêncios, a Palavra de Deus, os grandes livros, os grandes amigos, tantos e muitos outros que inspiraram a minha vida, sobretudo, na fé católica: os padres do deserto, os grandes monges, Francisco de Assis, Clara, Teresa de Lisieux, Teresa d'Ávila, Charles de Foucauld, padre Voillaume, irmã Maria, Giovanni Vannucci, Primo Mazzolari, Lorenzo Milani, Gandhi, Vinoba, Pina e Maria Teresa..., mas, ao centro, sempre Deus e Jesus Cristo. Nada me importa de verdade além de Deus, além de Jesus Cristo...

Crer e amar

Em muitos sentidos, a fé é uma tal escuridão, a mesma fé que é, antes de mais nada, dom, graça e bênção. Por que eu e não você? Por que eu e não ela, não ele, não eles? E mesmo assim, a vida tem sentido só quando se ama. Nada tem sentido fora do amor. A minha vida conheceu tantos e mais tantos perigos, arrisquei morrer muitas e muitas vezes. Por muitos anos estive em meio à guerra.

Experimentei na carne dos meus, dos meus caros, e, portanto, na minha carne a maldade do ser humano, a sua perversidade, a sua crueldade, a sua iniquidade. E saí de tudo isso com uma convicção inabalável, ou seja, que aquilo que conta é apenas o amar. Mesmo que Deus não existisse, somente o amor tem um sentido; só o amor liberta o ser humano de tudo aquilo que o escraviza; só o amor faz respirar, crescer, florir; só o amor faz com que nós nada tenhamos, que nós voltemos a face ainda não machucada ao escárnio e aos golpes de quem nos fere sem saber aquilo que está fazendo, que nós arrisquemos a vida pelos nossos amigos, que nós tudo creiamos, tudo suportemos, tudo esperemos. E é aí que a nossa vida se torna digna de ser vivida, que a nossa vida se converte em beleza, graça, bênção.

Educar

Já faz trinta anos que eu trabalho com escolas: organizo-as; se necessário, construo-as; financio-as. A criatura capaz de viver em Deus é, com certeza, um evento de graça. Mas é um fato, também, que, com a educação, o ser humano floresce mais facilmente em uma criatura capaz de viver em Deus, seu criador e doador de todo bem.

Existem enfermos que pedem para continuar a frequentar o centro para poder completar um curso escolar, para poder completar o estudo do Alcorão... e todos se sentem mestres e, orgulhos, mostram aos outros as suas conquistas, os seus resultados, o seu crescimento em dignidade humana.

Nunca houve antes na Somália educação especial, jamais se viu uma escola para as crianças surdas, para as crianças cegas, para as crianças com deficiência mental. Enquanto alguns professores universitários não viram a nossa escola, eles não acreditavam que era possível educar uma criança surda. Ninguém pensava que fosse possível. Hoje em dia, todos sabem que não há nada que uma criança surda não possa fazer, não há nada que uma criança surda não possa aprender, nada que uma criança surda não possa compreender. Indubitavelmente, trata-se de um longo caminho, porém, nós já vemos uma luz, talvez ainda um pouco pálida, mas, de longe, é uma luz tão fulgurante, capaz de fazer o coração explodir de alegria e gratidão ao antecipar aquilo que haverá um dia não muito distante: novos céus e uma nova terra. Começamos na nossa escola com três crianças surdas, depois cinco, depois oito, depois doze... Hoje são cinquenta e duas. Começamos a ensinar em uma sala da casinha que eu alugo em Borama. Depois, construímos um cobertura na área externa, pois o número de crianças crescia e, em seguida, outra salinha dentro da casa. Naquele tempo, também, suplicaram-nos para acolher na nossa escola algumas crianças com deficiência física, vítimas da pólio e da guerra, pois elas tinham medo de frequentar as

escolas para crianças “normais”. O nosso mundo é duro, o mundo dos fortes, no qual não há espaço para os fracos. Decidimos acolhê-los e dissemos-lhes que, quando eles tivessem adquirido autoconfiança – o fato de saber o que os outros sabem ou até sabê-lo melhor do que eles iria dar-lhes inevitavelmente a força para erguer-se e para sentir-se como os outros – então nós pagaríamos as despesas para que eles frequentassem as escolas normais. Designamos um ótimo professor para eles.

Faz dois anos que acolhemos trinta crianças pertencentes a um clã desprezado pelos somali: são os trabalhadores do ferro, do couro, os barbeiros, e que se dedicam à pequena caça selvagem. Eles nunca tinham mandado seus filhos à escola. São colocados em guetos; as suas filhas nunca se casam com somalis de outros clãs; os seus filhos não se casam com moças de outros clãs. Eles se rebelaram contra Deus e contra os homens pela sua condição de rejeitados, de desprezados, de marginalizados. E são grandes trabalhadores.

Aconteceu também que alguns intelectuais e, depois, alguns ricos vieram a suplicar-nos que aceitássemos os seus filhos na nossa escola, pois se trata de uma escola séria, porque entre nós existe disciplina, porque os professores são comprometidos, amam as crianças, amam o ensino, preparam-se. E nós decidimos aceitá-los.

Perdoar e libertar-se

Todos os dias, no Centro de Tratamento da Tuberculose (T.B. Centre), nós trabalhamos pela paz, pela compreensão recíproca, para aprendermos juntos a perdoar. Ah, o perdão, como é difícil o perdão! Os meus muçulmanos esforçam-se muito para apreciá-lo, para querê-lo para as suas vidas, para as relações com os outros. Eles dizem que a religião deles é tão *fúdu*: tão pouco exigente. Deus pede ao ser humano – eles dizem – para perdoar, mas se, depois, ele não consegue perdoar, Deus é misericordioso. Todos os dias, nós lutamos para compreender e fazer compreender que a culpa nunca está de um lado só, mas de ambos os lados. Nós refletimos juntos e esforçamo-nos para ver tudo aquilo que existe de positivo no outro. Nós olhamo-nos uns aos outros no rosto, nos olhos, porque queremos que a verdade apareça. O pessoal que trabalha conosco aprendeu a rir dos próprios limites, das próprias mesquinhas, da própria mentalidade “monetária”, da dureza do próprio coração, da sede de vingança quando eles são feridos: de todas essas coisas que tornam tão difícil o perdão.

No que diz respeito a mim, já faz tempo que aprendi, ou melhor, compreendi no profundo do ser que, quando algo não vai bem – incompreensões, ataques, injustiças, inimizades, perseguições, divisões – , com certeza, a culpa é mim; com certeza, errei em algo. Aos pés do Senhor, a busca pela minha culpa não é

difícil, não demora muito; faz sofrer, mas nem tanto assim, pois, na verdade, é muito bom e grande reconhecer-se culpados e combater para que a culpa seja cancelada, para que os comportamentos errados sejam restaurados, para que, em cada relação com os outros, a minha proximidade seja positiva... a nossa tarefa sobre a terra é fazer viver. E a vida não é certamente a condenação, a lei da guerra, a acusação, a vingança, o colocar o dedo na ferida, o revelar os erros e as culpas dos outros e, ao contrário, esconder a nossa culpa, a nossa impaciência, ira, ciúme, inveja, falta de esperança, falta de confiança no ser humano. A vida é esperar sempre, esperar contra toda esperança, deixar para trás as nossas misérias, não olhar as misérias dos outros, crer que Deus é presente e é um Deus de amor. Nada nos perturbe e avancemos com Deus. Nem sempre é fácil, ou menor, crer desta maneira pode ser uma exigência titânica.

Fica claro que devemos nos liberar de tanto peso. Mas existem métodos práticos, existem caminhos, existem indicações claras. Deus está presente na pequena cela da nossa alma que nos chama. Contudo, a Sua voz é discreta e silenciosa. Nós devemos colocar-nos à escuta, precisamos fazer silêncio, criar um lugar de tranquilidade, ainda que seja, em muitos casos, um lugar necessariamente perto dos outros, como uma mãe que não pode ficar muito tempo longe de seus filhos.

Como conclusão

Palavras? Não. Verdade. Realidade. Claro que, para a maioria de nós, pessoas humanas, será e é necessário fazer silêncio, ficar quietos, desligar o celular, jogar a televisão pela janela, decidir-se de uma vez por todas liberar-se da escravidão das coisas, daquilo que parece e que é importante aos olhos do mundo, mas que não conta nada aos olhos de Deus, pois se tratam de não-valores. Aos pés do Senhor, nós reencontramos toda a verdade perdida: tudo aquilo que foi jogado nas trevas torna-se luz; tudo aquilo que era turbulência aquieta-se; tudo que parecia um valor, mas não o era, aparece na sua verdadeira veste e nós despertamos à beleza de uma vida honesta, sincera, boa, feita de coisas e não de aparências, tecida pelo bem, aberta aos outros, em uma fortíssima e onipresente tensão, para que todos sejam um.

Gostaria de dizer, ainda, que os pequenos, os sem-voz, aqueles que nada contam aos olhos do mundo, mas contam tanto aos olhos de Deus, que são os Seus prediletos, eles precisam de nós. E nós precisamos estar com eles e ser para eles e não faz mal se a nossa ação é apenas uma gota de água no oceano.

Jesus Cristo nunca falou de resultados. Ele pediu-nos apenas para amarmos-nos, para lavarmos os pés uns dos outros, para perdoarmos-nos sempre.

* * *

No dia 5 de outubro de 2003, por volta das dezenove horas, após ter feito a visita noturna aos doentes, Annalena Tonelli foi assassinada por dois sicários com um golpe na nuca. Poucos dias antes, ela havia escrito:

«Não falem de mim, que não tem sentido uma coisa assim; mas deem glória ao Senhor por todos os infinitos e inefavelmente grandes dons com os quais ele teceu a minha vida. E agora, todos juntos, comecemos a servir o Senhor, porque até agora fizemos muito pouco».

Serva de Deus

Claire De Castelbajac

Eu quero é ser santa!

Claire nasceu em Paris na segunda-feira, dia 26 de outubro de 1953, como a última dos cinco filhos da família De Castelbajac. Transcorreu, porém, os primeiros anos de vida em Marrocos, recebendo uma educação religiosa muito sólida. Desde pequena, ficava doente com frequência: aos quatro anos, uma toxicode aguda colocou sua vida em risco e as consequências da doença acompanharam-na por muito tempo. Mas estes momentos difíceis jamais lhe tiraram o sorriso. Claire sempre se mostrou uma menina muito animada e decidida. Um dia, quando seu pai lhe perguntou o que ela gostaria de ser quando crescesse e se, por acaso, ela gostaria de ser uma irmã religiosa, a pequena Claire respondeu firmemente: «Eu quero é ser santa! É mais forte de ser religiosa, não é?» Não faltaram, porém, momentos de desencorajamento, durante os quais exclamou: «Não quero mais ser santa, é muito difícil!»

Sua família voltou para a França de uma vez por todas em 1959, durante os sangrentos anos de chumbo nos países norte-africanos. Aos seis anos, Claire compôs uma oração muito bonita e já mostrava a sua preocupação pelos outros: «Jesus, fazei com que os maus, aqueles que não Vos amam, aqueles que Vos conhecem, se tornem bons e Vos conheçam, e Vos amem, e orem três vezes ao dia, e possam ir todos para o Céu». Depois da Primeira Comunhão, ela disse: «Quero ser santa: então é necessário fazer alguns sacrifícios». Aos doze anos, quando estava doente e em casa, com febre alta, confiou à sua mãe que pediu «para ficar doente pela conversão dos pecadores».

O ano de 1968 foi marcado por tantas transformações sociais e políticas, as quais incidiram sobre a vida da jovem estudante Claire, que tinha 15 anos. Movida por aquilo que sentia e via, decidiu rezar conforme o pedido de Nossa Senhora de Fátima. Mas isso não foi tudo! Junto de duas amigas da escola,

decidiu escrever uma carta a todos os bispos da França, na qual pedia que fosse «pedido aos sacerdotes para, por favor, transmitir a mensagem de Nossa Senhora a todos os seus paroquianos... Excelência, somos jovens meninas que lhe pedem, e a todos os bispos da França, para que se faça este apelo à Igreja da nossa pátria. Estamos seguras de que Sua Excelência levará nosso pedido em conta e somos-lhe gratas».

Vistas as contestações contra a Igreja, Claire ficou tão preocupada e aflita ao ponto de ficar doente e transcorrer o ano letivo seguinte inteiramente em casa. Naquele ínterim, organizou um coral, depois um grupo de teatro, envolvendo as pessoas idosas e aquelas com alguma deficiência, sempre sorridente e cheia de coragem e criatividade.

Depois de completar os estudos escolares e de ter frequentado por um ano a universidade em Toulouse, Claire decidiu prosseguir com a formação profissional no Instituto Central de Restauração em Roma. Contente, mas, ao mesmo tempo, assustada por aquele passo corajoso, ela escreveu aos seus pais: «Assusta-me muito a ideia de que poderei ser admitida! Sei muito bem que na Bíblia, por 366 vezes, está escrito: “Não temas!”, uma vez para cada dia do ano; e que, se necessário, a graça estará comigo. Mas me assusta muito a ideia de começar, daqui a dois meses, a minha vida adulta».

Depois de ser aprovada no teste de admissão, Claire começou com sua vida em Roma. Não foram poucas as atenções dispensadas a esta garota estrangeira jovem e bonita da parte dos rapazes. A este respeito, ela escreveu a seus pais: «Aquilo que me incomoda é o sucesso que faço, de verdade sem querer, com os rapazes. Um está claramente apaixonado por mim. E, ainda, há um libanês que me dá muita atenção... Acrescento ainda dois italianos, particularmente cheio de elogios e “leais cães de guarda”. São só nove dias, é demais... É certo que logo logo me conhecerão melhor! (...) É muito difícil modificar a própria natureza e segurar-se para não sorrir, conseguir levar tudo na brincadeira e não fazer continuamente jogos com as palavras... Mas estou segura da proteção Divina, Virginal e Beneditina [Claire era muito devota da espiritualidade beneditina], sem falar nos Anjos da Guarda».

A falta da família e dos amigos fazia com que ela sofresse. «Preciso muito das orações de vocês... mais conheço as pessoas, mais fico triste. Eu pensava que a Arte pela Arte e o Belo pelo Belo, ou seja, o sentido da gratuidade das coisas, dessem às pessoas uma profundidade e algo a mais... É claro que, com exceção de dois ou três esnobes, todos são interessados por aquilo que fazem, e até apaixonados. Mas, fora isto, puf! A única coisa que interessa a eles é o prazer em todas as suas formas. E isto, então, me entristece e me desencoraja um pouco... Todos os rapazes ficam atrás de mim! Poxa vida! Não uso nem minissaia... e,

além do mais, trato com frieza e hostilidade aqueles que devo evitar. E mais assim os trato, mais eles insistem... Mas agora, tenho medo é de mim mesma. E o porquê, vou dizer para vocês. Não sou muito encorajada por pessoas de bem, como em Toulouse. Agora, vendo aqueles que me circundavam, eu digo a mim mesma que não devo ser desagradável como eles são... Então rezo, rezo para ter a coragem – eu poderia dizer até mesmo o heroísmo – de resistir, de não estar com nenhum rapaz antes de um relacionamento sério». Para não ceder às tentações, Claire compôs uma brevíssima oração: «Ó Maria Imaculada, confio a Ti a pureza do meu coração: sê Tu o meu guardião para sempre».

Pouco a pouco, porém, começou a crer no estilo de vida onipresente: à filosofia do prazer. Com duas amigas, alugou um apartamento, saía de noite, estudava pouco. As notas no curso caíram e ela mesma admitiu: «A minha visão das coisas mudou: quem pode satisfazer a sede de vida que eu experimento? (...) Ontem fomos até a praia. Foi fabuloso! Completamente sozinhas, comportando-se como loucas até a madrugada... Estávamos apaixonadamente cheias de vida, de independência, de total liberdade e do sentimento inebriante de estar fora da civilidade». As palavras de outra estudante jogaram, porém, sobre ela um balde de água fria: «Você vai ver, minha filha, você vai chegar ao nosso ateísmo. Não dou um ano pra que você seja como nós».

Durante as férias, fez uma peregrinação para Lourdes e, depois de começar o segundo ano de estudos, escreveu a seus pais: «Dou-me conta da situação de vaidade e de egoísmo à qual me reduzi, acreditando, erroneamente, tratar-se de emancipação». Esta prova de fé consolida a sua vocação missionária. «Gostaria de espalhar alegria e dar felicidade a todos dos quais eu me aproximo. A pequena Teresinha esperava estar no paraíso para tornar felizes as almas. Gostaria de fazê-las felizes já sobre a terra!»

Em 1974, Claire, com um grupo de jovens, participou de uma peregrinação à Terra Santa. O tempo que transcorreu seguindo os passos de Jesus marcou-a definitivamente. «A minha vida é completa. A minha vida mudou completamente de rumo em três semanas. Além da minha proximidade com a Virgem, descubro o Amor de Deus, imenso, surpreendente e simples. A caridade cristã é amar os outros porque Deus os ama. Isto, entre outras coisas, é aquilo que me enche da alegria divina. Espero não falar demais, como se eu fosse uma irmã piedosa, mas me sinto, de verdade, cheia da alegria divina».

No retorno da peregrinação, recebeu uma ótima notícia: um chamado a restaurar os afrescos na Basílica de São Francisco, em Assis. Foi-lhe confiada a restauração do afresco da sua padroeira, Santa Clara, e, em seguida, o de São Martinho. Foi um período intenso, de oração e de interiorização, vivido em contato com as Monjas Beneditinas, junto das quais escolheu alajar-se, parti-

cipando da Santa Missa todos os dias. Desejava permanecer em oração e em silêncio e lia Charles de Foucauld. Escreveu: «Estou continuamente imersa na alegria e na paz interior».

No dia 18 de dezembro de 1974, voltou à França para as festas natalinas. Depois do Ano-Novo, foi repentinamente acometida pela meningoencefalite viral. No dia 17 de janeiro de 1975, já inconsciente, recebeu o sacramento da Unção dos Enfermos. No domingo, dia 19 de janeiro, disse, do nada, mantendo os olhos fechados: «Ave Maria, cheia de graça...» A sua voz parou, mas a oração foi continuada pela sua mãe que a acompanhava junto do leito. Quando terminou a primeira Ave-Maria, Claire sussurrou: «mais... e mais», para que continuassem.

Na noite do dia 20 de janeiro, entrou em coma, deixando a vida terrena dois dias depois, na tarde da quarta-feira, 22 de janeiro de 1975. A jovem vida se apagou como ela mesma tinha previsto em uma carta a uma sua amiga: «Você acha mesmo que a proximidade sempre maior com a morte seja angustiante? Eu não acho; não devemos temer a morte. A morte é só uma passagem, de uma vida – que, na verdade, é um simples exame – de alegrias e de pequenas desventuras (...) à Felicidade total, à Visão perpétua Daquele que nos deu tudo. (...) Você se lembra que, no Sagrado Coração, muitas moças – entre as quais você – tinham previsto que eu morreria jovem? E isso sem que ninguém combinasse a respeito. Pois então, confesso a você, dá no mesmo para mim, já que, com relação à eternidade, o que são cinquenta anos de vida terrena a mais ou a menos?» O processo oficial em vista da sua beatificação foi aberto em 1990. A fase diocesana do processo terminou em 2008.

QUARTA PARTE

Propostas

Pois a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes: penetra até dividir alma e espírito, articulações e medulas. Ela julga os pensamentos e as intenções do coração. (Heb. 4,12)

Lectio Divina - Esquema A

Vivendo uma cura

A Palavra de Deus...

...é escutada

Jesus entrou na sinagoga, e lá estava um homem com a mão seca. Eles observavam se o curaria num dia de sábado, a fim de acusá-lo. Jesus disse ao homem da mão seca: «Levanta-te! Vem para o meio!» E perguntou-lhes: «Em dia de sábado, o que é permitido: fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou matar?» Eles ficaram calados. Passando sobre eles um olhar irado, e entristecido pela dureza de seus corações, disse ao homem: «Estende a mão!» Ele estendeu a mão, e a sua mão ficou curada. (Mc 3, 1-5)

...é meditada

É muito bom poder contemplar Jesus, através do véu da Palavra escrita na Bíblia. Esta Palavra conserva não só a memória que se tem Dele, mas, todas as vezes que reabro o Livro da Palavra de Deus, eu O encontro novamente como o companheiro de viagem da minha vida.

Provavelmente, o protagonista desta passagem, o homem com a mão paralisada, colocava-se no fundo da sinagoga, justamente perto da parede, lá onde ninguém podia notar o problema do qual se envergonhava. Talvez ele não ia até ninguém, nem queria a visita de amigos, preferia viver escondido com a sua limitação.

Jesus, porém, chama-o para colocar-se no meio do povo, justamente ao centro, ali onde não poderia ficar escondido e onde todos o poderiam ver.

Quando o Senhor lhe disse que estendesse a mão, ele, para não ser motivo de risos, poderia ter estendido a outra mão, aquela sã. Ele percebeu, todavia, no

seu coração, que tinha chegado o momento, aquele momento especial, devido ao qual não valia a pena esconder-se.

Ele sentia que era conveniente arriscar e colocar-se diante da luz da verdade: revelar e mostrar a parte de si da qual ele mesmo se vergonhava, aquilo que os amigos e as pessoas não queriam ver, aquilo que fazia com que ele se sentisse irremediavelmente ferido pelo destino.

A história do homem com a mão paralisada continua também na minha vida quando, durante a oração, Jesus me pede para oferecer-Lhe sinceramente todos os meus pecados; quando não me sinto confortável; quando, apesar do amor sobre o qual me fala, é mais forte em mim o medo e a vergonha.

É ali que decido libertar o meu coração, tirar de dentro todo o pecado, com profunda sinceridade, sem pensar no depois ou em como o confessor me vê... Estendo a minha mão paralisada exatamente como aquele homem, como aquele dia na sinagoga. E um milagre acontece: através da Sua suave presença, o Senhor restabelece também em mim a paz.

A absolvição conduz à cura e à liberdade e leva-me a redescobrir o valor da amizade: tanto daquela humana, como daquela com Ele. Muitas vezes, marcado pela minha fragilidade, vim até Ele e, de joelhos, clamei por Misericórdia. Ele jamais se cansou de perdoar-me com um coração plenamente compreensivo e magnânimo.

Não fique às margens desta história, como um mero observador. O Senhor Jesus vem, hoje, justamente para você. Se Ele lhe pede para oferecer-Lhe aquilo que em você está paralisado e morto, ou que, ao menos, você considera desta maneira, faça-o na sinceridade da confissão e você vai experimentar, através do ministério da Sua Igreja, uma nova qualidade de vida tal que apenas Ele sabe dar.

...é rezada

Na Tua misericórdia, escuta esta oração que se levanta a Ti desde o tumulto e o desespero de um mundo em que és esquecido.

*Onipotente e misericordioso Deus, Pai de toda a humanidade,
Criador e governador do universo, Senhor da história,
cujos desígnios são insondáveis,
cuja glória é sem mancha,
cuja compaixão pelos erros humanos é inexaurível,
na Tua vontade está a nossa paz!*

Na Tua misericórdia, escuta esta oração que se levanta a Ti desde o tumulto e o desespero de um mundo em que és esquecido,

*em que o Teu nome não é invocado, as Tuas leis são desprezadas,
e a Tua presença é ignorada.
Não Te conhecemos e, por isso, não temos paz.
Concede-nos tanta prudência quanto o nosso poder,
Tanta sabedoria quanta a nossa ciência,
Tanta humanidade quanta a nossa riqueza e potência.
E abençoa a nossa vontade de ajudar todos os povos e raças
a caminhar em amizade conosco
pelos caminhos da justiça, da liberdade e da paz sem fim.
E concede-nos, principalmente,
a compreensão que os nossos caminhos
não são necessariamente os Teus caminhos;
que não podemos penetrar totalmente no mistério dos Teus desígnios
e que mesmo a tempestade de poder que agora enfurece esta terra
revela a Tua secreta vontade e a Tua insondável decisão.
Concede-nos ver o Teu rosto à luz desta tempestade cósmica,
ó Deus de santidade, misericordioso com a humanidade.
Concede-nos encontrar a paz onde verdadeiramente ela pode ser encontrada!
Na Tua vontade, ó Deus, está a nossa paz!
(Thomas Merton)*

** * **

*Tu, que na instabilidade contínua da vida presente,
te vês mais a flutuar entre as tempestades do que a caminhar na terra,
mantém fixo o olhar no esplendor desta estrela,
se não quiseres ser aniquilado pelos furacões.
Se insurgem os ventos das tentações
e te encalhas entre as rochas das tribulações,
olha para a estrela, invoca Maria!
Se te impelem as ondas do orgulho, da ambição,
da calúnia e da inveja,
olha para a estrela, invoca Maria!
Se a ira, a avareza, a concupiscência da carne
sacodem a barquinha da tua alma,
leva o teu pensamento a Maria!
Se, perturbado pela enormidade dos teus pecados,
confuso pelo mau odor da tua consciência,
amedrontado pelo terror do juízo de Deus,*

*começas a precipitar-te na voragem da tristeza
e no abismo do desespero, pensa em Maria!
Nos perigos, nas angústias, nas perplexidades,
pensa em Maria, invoca Maria!
Que Maria esteja sempre em teus lábios e no teu coração.
Para obter o socorro da Sua intercessão, segue os Seus exemplos.
Seguindo-A, não te abaterás!
Invocando-A, não perderás a esperança!
Pensando Nela, não cairás no erro!
Apoiando-se em Maria, não escorregarás!
Com a Sua proteção, nada recearás!
Com a Sua guia, não te cansarás!
Com a Sua benevolência, alcançarás a meta!*
(São Bernardo)

Lectio Divina - Esquema B

Escolher o céu

A Palavra de Deus...

...é escutada

Estêvão, cheio de graça e de poder, fazia milagres e grandes prodígios entre o povo. Mas alguns membros da sinagoga chamada dos “libertos”, junto com alguns judeus de Cirene, de Alexandria e outros da Cilícia e da Ásia, começaram a discutir com Estêvão. Não conseguiam, porém, resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava. Ao ouvir essas palavras, eles ficaram enfurecidos e rangeram os dentes contra Estêvão. Cheio do Espírito Santo, Estêvão olhou para o céu e viu a glória de Deus; e viu também Jesus, de pé, à direita de Deus. Ele disse: «Estou vendo o céu aberto e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus». Mas eles, dando grandes gritos e tapando os ouvidos, avançaram todos juntos contra Estêvão; arrastaram-no para fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas deixaram seus mantos aos pés de um jovem, chamado Saulo, e apedrejavam Estêvão, que exclamava: «Senhor Jesus, acolhe o meu espírito». Posto de joelhos, exclamou em alta voz: «Senhor, não lhes leves em conta este pecado». A estas palavras, expirou. (At 6,8-10;7,54-60)

...é meditada

Estamos diante de uma relação muito particular: de um lado, a descrição dramática dos fatos, apresentada com a precisão de um historiador; do outro, a narração de emoções acesas, uma análise intuitiva do comportamento interior e uma linguagem de reportagem, cheia de metáforas: *ficaram enfurecidos, rangeram os dentes, falava cheio do Espírito Santo*. É possível sentir claramente que o autor dos Atos dos Apóstolos está profunda e pessoalmente tocado por aquilo que descreve. O primeiro mártir, Estêvão, doa a própria vida, marcando um momento de reviravolta para a Igreja, para os seguidores e para os inimigos do Evangelho, para o jovem chamado Saulo e para cada um de nós.

A lapidação é uma punição peculiar: permite aos assassinos de ficar longe da sua vítima; permite-lhes que eles não a toquem; que estabeleçam uma distância física e mental em relação à pessoa desprezada, ao culpado; ao mesmo tempo, porém, eles são capazes de feri-la muito profundamente. Mata-se uma vida sem que se suje as mãos com o sangue.

A marca do ódio, todavia, fica para sempre, como um espinho no coração. Sabe bem disso o jovem chamado Saulo. Talvez pela primeira vez na sua vida, Saulo, olhando para o mistério do martírio – para o testemunho do jovem Estêvão – sentiu que tinha um coração de pedra e percebeu as primeiras interrogações nascidas da vergonha de si mesmo.

A pessoa de Estêvão foi muito importante. Ele é tão “legível”, tão cristão, tão evangélico e tão claro que os acusadores não conseguiram suportar a sua presença: eles taparam os ouvidos e o expulsaram da cidade. Quiseram removê-lo não só do espaço religioso (a sinagoga), mas também daquele social (a cidade).

As pessoas da sinagoga tinham o olhar do coração fixo nas próprias convicções. Eram tão devotos e zelosos que, por amor à lei, estavam prontos para matar. Se ao menos tivessem olhado para o céu ao invés da sua restrita perspectiva de morte, eles teriam visto o mesmo que viu Estêvão: o paraíso que dá felicidade. Estêvão assumiu a mesma “forma” de Jesus, aquela do monte Tabor, a qual o levou a olhar fixamente para o céu aberto e escutar a voz do Pai, que é a mesma também do Gólgota e lá perdoava os seus torturadores: «*Senhor, não lhes leves em conta este pecado*». De fato, é perdoadando que nos tornamos cada vez mais semelhantes a Nosso Senhor. É esta a condição indispensável do ser cristão, contida na Oração do Senhor: *perdoai-nos, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido...*

Também hoje estou exposto aos ataques. Na minha direção, voam pedras lançadas por acusadores e perseguidores. Dou-me conta, porém, que também eu sou capaz de jogar pedras e tirar a vida. De um lado, quero olhar para o céu e ver a glória de Deus e a Ti, Senhor, sentado à direita do Pai. Do outro, fixo o

olhar sobre as coisas terrenas, sobre aquilo que gostaria que pertencesse a mim e que não sou capaz de ceder, nem mesmo um milímetro.

Todos os dias, na minha vida, combatem “Saulo” e “Estêvão”. E não posso nunca estar certo do resultado desta luta. São Paulo encontrou-se com o mesmo paradoxo e escreveu: «Não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero, faço o que detesto. De fato, não faço o bem que quero, mas o mal que não quero. Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal» (Rm 7,15.19.21). Em seguida, gritou desesperado, perguntando-se: «Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?» (Rm 7,24). A resposta a tal pergunta, porém, brota-lhe imediatamente do coração: «Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!» (Rm 7,25a).

Só o dom gratuito do perdão, ó Senhor, liberta-me do mal que eu faço. E agradeço-Te por ter pagado as dívidas do meu pecado com a Tua morte e a Tua cruz, e por ter-me aberto o céu por meio da Tua ressurreição!

...é rezada

*Bendito seja o Senhor Deus de Israel,
porque a Seu povo visitou e libertou;
e fez surgir um poderoso Salvador
na casa de Davi, Seu servidor,
como falara pela boca de Seus santos,
os profetas desde os tempos mais antigos,
para salvar-nos do poder dos inimigos
e da mão de todos quantos nos odeiam.*

*Assim mostrou misericórdia a nossos pais,
recordando a Sua santa Aliança
e o juramento a Abraão, o nosso pai,
de conceder-nos que, libertos do inimigo,
a Ele nós sirvamos sem temor
em santidade e em justiça diante Dele,
enquanto perdurarem nossos dias.*

*Serás profeta do Altíssimo, ó menino,
pois irás andando à frente do Senhor
para aplainar e preparar os Seus caminhos,
anunciando ao Seu povo a salvação,
que está na remissão de seus pecados;
pela bondade e compaixão de nosso Deus,*

*que sobre nós fará brilhar o Sol nascente,
para iluminar a quantos jazem entre as trevas
e na sombra da morte estão sentados
e para dirigir os nossos passos,
guiando-os no caminho da paz.*

Cântico de Zacarias (Lc 1,68-79)

** * **

*Ó Maria Imaculada,
a Ti recorreremos com afeto filial:
ilumina, guia,
salva a humanidade redimida por Cristo,
Teu Filho e nosso Irmão!
Chama de volta os que estão distantes,
converte os pecadores,
dá sustento aos sofredores,
ajuda e conforta
quem já Te conhece e Te ama!
Grandes coisas se cantam de Ti, ó Maria,
pois de Ti nasceu o Sol da justiça,
Cristo, nosso Deus!
(João Paulo II)*